

Passivo líquido de US\$ 296 bi é o maior em quatro anos, diz o BC

LUCIANA OTONI
BRASÍLIA

O Brasil encerrou 2004 com um passivo líquido de US\$ 296 bilhões em sua posição internacional de investimento. O passivo líquido, divulgado ontem pelo Banco Central (BC), é o maior dos últimos quatro anos e resultou da diferença entre o passivo total de US\$ 446 bilhões frente o ativo total de US\$ 150 bilhões. O indicador é um dos dados utilizados pelas agências de rating no cálculo da classificação de risco dos países emergentes e a última atualização era a de setembro do ano passado, quando a cifra estava em US\$ 268,8 bilhões.

Apesar de o passivo líquido de 2004 ter apresentado crescimento de 10%, o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, não considerou o fato como um reforço à vulnerabilidade do Brasil diante de uma eventual instabilidade internacional, por considerar que houve melhora de outros indicadores como o da dívida externa. A dívida externa total mais empréstimos intercompanhias passou de US\$ 235 bilhões em dezembro de 2003 para US\$ 221,6 bilhões em março de 2005 — uma elevação de 5,7%.

Outro fato é a característica do aumento do passivo líquido. Por força de uma apreciação cambial de 7,1% entre setembro e dezembro, somada a uma valorização de 12,7% na Bovespa em igual período, o montante do investimento estrangeiro direto cresceu de US\$ 145 bilhões em setembro para US\$

161 bilhões. No investimento em carteira, o destaque foi o investimento em ações, que passou de US\$ 58,6 bilhões em setembro para US\$ 77 bilhões em dezembro. Esses dois grupos contribuem para a formação do passivo total.

Na outra ponta da conta, os ativos evoluíram de US\$ 143 bilhões em setembro (último dado anterior mais atualizado) para US\$ 150 bilhões em dezembro de 2004. Também nesse lado, a maior parte da expansão foi creditada aos efeitos do câmbio valorizado. O avanço dos ativos também refletiu a maior busca das empresas brasileiras pela internacionalização. O levantamento sobre



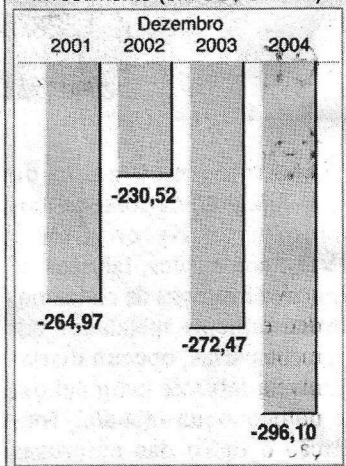
Raul Velloso

o volume de capitais brasileiros no exterior, divulgado na última segunda-feira, apurou acréscimo de 28,8% no investimento direto do Brasil no exterior, que encerrou o último ano em US\$ 70,7 bilhões.

O consultor econômico Raul Velloso também acredita que a elevação do passivo líquido de US\$ 272 bilhões em 2003 para US\$ 296 bilhões em dezembro de 2004 não representa aumento da vulnerabilidade externa do Brasil. No entendimento de Velloso, esse indicador se tornaria preocupante se o País tivesse registrado déficit em conta corrente e se o regime do câmbio não fosse flutuante. Como a economia brasileira é naturalmente importadora de

RESULTADO NEGATIVO

Posição internacional e investimento (em US\$ bilhões)



Fonte: Banco Central e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

capitais externos, a expansão do passivo líquido — quando outros fundamentos macroeconômicos são positivos — indica que o Brasil mantém-se atraente ao capital externo. “O aumento do passivo líquido com o exterior é um problema menor porque o grande drama não é o endividamento externo do País, mas o endividamento do governo, seja em dívida interna ou externa”, salientou o consultor econômico. É nesse contexto que Velloso consultor considera que esse indicador não deverá ter peso grande na avaliação do Brasil a ser feita pelas agências de rating.

ENTRADA DE INVESTIMENTOS

O BC também divulgou ontem dados sobre o montante do investimento estrangeiro direto que ingressaram no Brasil neste ano. Reforçado pela entrada de US\$ 672 milhões em maio, o total acumulado atingiu US\$ 1,6 bilhão, mais de quatro vezes acima dos US\$ 361 milhões computados em igual período de 2004. Em junho até o dia 21, o ingresso somou US\$ 850 milhões, devendo chegar a US\$ 1,5 bilhão, conforme projeções da autoridade monetária. Para o ano, o BC manteve a expectativa de ingresso de US\$ 16 bilhões.